

O poder das festas nas noites de Brasília

Na era FH, a cidade volta a ficar agitada

MARIA LIMA e TEREZA CRUVINEL

A vida social de Brasília voltou a ser borbulhante, diria Ibrahim Sued. O Governo Fernando Henrique ainda não conseguiu transformar a vida cultural da capital numa Camelot — na linha do que fez Kennedy em Washington — mas devolveu à cidade o espírito noturno que a embala em festas, coquetéis e jantares.

A noite é curta para tanta festa. Há duas semanas, aconteceram na cidade nada menos que 14 na mesma noite, de todos os tipos e gêneros: festa de lobistas, de São João, de aniversários. Nem o PT escapa do clima. Uma das festas de maior sucesso foi o aniversário do senador Eduardo Suplicy (PT-S), que atraiu três ministros — Serra, Malan e Bresser — e muito tucano de bom quilate, produzindo ciumeira no PFL.

De segunda a sexta-feira, no circuito do poder, acontecem pelo menos três festas por noite. As pessoas mais influentes ou poderosas acabam sendo chamadas para mais de uma. Alguns, como José Serra, tentam ir a todas, mesmo chegando de madrugada. No fim de semana todos descansam. Parlamentares, ministros e membros do segundo escalão trocam Brasília por suas cidades.

Fernando Henrique, que sempre foi “arroz de festa” em seus tempos de senador ou ministro, agora vive numa reclusão obrigatória. Ele confessou recentemente que tem saudade da “fofoca social”, e sempre entrevista os amigos a respeito das festas a que foram.

O presidente compensa a reclusão de três maneiras: recebe pequenos grupos no Alvorada, circula à vontade nas recepções do Itamaraty e encontra prazer nos almoços e jantares com políticos. De vez em quando, escapa para um programa cultural ou para jantar num restaurante.

O perfil do Ministério, de forma geral, ajuda a esquentar a



vida social de Brasília. Os ministros José Serra, Sérgio Motta e Gustavo Krause gostam da noite, cada um a seu modo. O forte de Serra é falar, o de Motta, comer, e o de Krause, beber. O ministro Nelson Jobim e seu chefe-de-gabinete, José Gregori, também circulam muito. O presidente da Câmara, Luís Eduardo Magalhães, é outro que circula e recebe. Já o presidente do Senado, José Sarney, impõe-se certa liturgia como ex-presidente. O governador de Brasília, o petista Crisóstomo Buarque, não abandonou o circuito social que sempre freqüentou. Quem vê sua desenvoltura no Itamaraty pensa que se trata de um tuca-no.

A agitação social tem sido ótima para os donos de restaurante. Cada governo elege os seus. Atualmente, estão em alta o La Vecchia Cuccina, preferido dos tucanos, e o tradicional Piantella, que de reduto do PMDB virou centro de convergência política. O presidente já jantou nos dois. São muito valorizados também o Francisco, o Lake's e o Florentino.

Fernando Henrique pretende ainda livrar Brasília da pecha de cemitério cultural e dá sua

contribuição comparecendo aos eventos mais importantes. Assistiu à apresentação da pianista polonesa Lylia Zilberstein, na Sala Villa Lobos do Teatro Nacional, e à da Orquestra Sinfônica de São Paulo, promovida ao ar livre pelo Planalto. Na quarta-feira passada, o casal Cardoso assistiu, no Santuário Dom Bosco, à apresentação da banda gospel Mount Moriah, de Nova York, juntamente com a banda mirim do Olodum. Fernando Henrique enfrentou as vaias com fair-play, cantou, balançou o corpo e aplaudiu as bandas.

A área de artes plásticas também recebe seu estímulo. O presidente fez questão de abrir a mostra de arte moderna brasileira, seleção da coleção do presidente das Organizações Globo, jornalista Roberto Marinho, que ficou mais de um mês no Itamaraty. Transformou a parede principal de seu gabinete numa galeria nobre, que a cada mês exibirá obra de um pintor contemporâneo.

— O presidente sempre disse que ia transformar Brasília na capital da República, de fato. Ele vai cumprir a promessa — diz um de seus assessores.

Frenético, fútil, jururu, cada corte tem seu estilo

BRASÍLIA — Como um espelho, a vida social de Brasília reflete a natureza dos governos. A de agora é agitada, mas procura não ser fútil. A boa conversa é uma exigência para quem quiser circular na corte tucana.

O período de transição política, entre a campanha das diretas e a eleição de Tancredo Neves, foi frenético, repleto de festas que misturavam prazer e luta pelo fim da ditadura. Seguiu-se uma fase de recolhimento, no início do Governo Sarney. Na época da Constituinte, de noite todos bebiam ao que se votara de dia.

No Governo Collor, as festas eram fechadas e restritas aos grupos de Alagoas e à parcela da sociedade local que conviveu com Fernando Collor na adolescência. A era Itamar foi jururu. Avesso a badalações, ele desestimulava as festas no Itamaraty e só freqüentava as casas dos amigos de Juiz de Fora.